



# **Patologias políticas do neoliberalismo: o caso do populismo**

**Thor João de Sousa  
Veras**

**RESUMO:** Trata-se de apresentar três diagnósticos recentes no campo da Teoria Crítica da sociedade acerca do fenômeno do populismo nas democracias ocidentais do século XXI. Para tanto, mobilizamos como os modelos críticos da teoria do reconhecimento e cooperação social de Axel Honneth, da contestação e julgamento político de Albena Azmanova e da crítica da participação e redistribuição de Nancy Fraser compreendem o populismo como manifestações de patologias políticas decorrentes das mudanças estruturais do neoliberalismo ocorridas na esfera pública e na cultura política na última década.

**Palavras-chave:** Neoliberalismo. Populismo. Teoria Crítica. Azmanova. Fraser. Honneth.

**ABSTRACT:** The aim of this paper is to compare three recent diagnoses in the field of the Critical Theory of the society regarding the phenomenon of the populism in the western democracies of the XXI century, understood by the critical theory of recognition and social cooperation of Axel Honneth, political judgment and contestation of Albena Azmanova and participation and redistribution of Nancy Fraser as manifestations of political pathologies arising from the structural changes of neoliberalism occurred in the public sphere and political culture in the last decade. **Key-words:** Neoliberalism. Populism. Critical Theory. Azmanova. Fraser. Honneth

O espectro do populismo ronda o mundo ocidental. Em diversas potências globais, as multifacetadas transformações políticas, econômicas e sócio-culturais indicam que estaríamos vivendo o que teóricos convencionam chamar de um “momento populista”<sup>1</sup>. E o alcance deste *boom* de novas experiências de massa nos mostra que populismo não é só a realidade de muitos governos internacionalmente influentes como nos EUA de Trump ou no Brasil de Bolsonaro, mas é considerado o “futuro da política” para líderes de campos políticos distintos, como Melènchon, o atual representante da coalizão de esquerda “*France Insubmisse*” e Steve Bannon<sup>2</sup>, líder do “*The Movement*” de extrema direita.

Em torno de novas pautas contestatórias, tais movimentos disputam narrativas de justificação e hegemonia política em torno de ques-

.....  
1 Mouffe 2018.

2 Bulla 2019.

tões culturais e sociais significativos como soberania, identidade, segurança e comunidade, seja nas ruas e praças ou em fóruns virtuais e redes sociais. Sobretudo após a adesão social da parte de um precariado impactado pela destruição e pauperização que o capitalismo corporativo e financeiro produziu com a crise de 2008, os indícios da crise da hegemonia neoliberal e a consequente transição de uma “era neoliberal” para uma “era populista” reúnem como elemento aglutinador um sentimento anti-sistêmico, reativado por movimentos sociais que cruzam todo espectro político na esfera pública. De modo geral, em suas diversas manifestações<sup>3</sup>, a ascensão do populismo implica um retorno a uma política mais personalizada, na medida que os líderes políticos desempenham um papel central muito significativo e as instituições democráticas são mais frequentemente desconfiadas.

Mas qual seriam os motivos do descrédito generalizado com as democracias liberais? Se seguirmos as intuições de Alessandro Ferrara<sup>4</sup>, essas novas insurgências populistas são decorrentes de duas causas principais: *a) o crescimento exponencial da desigualdade em todo o mundo; e b) o novo poder absoluto que os mercados financeiros desencarnados exercem sobre as legislaturas democráticas.* Com isso, parece correto afirmar que essa “explosão populista” teve seu laboratório social durante o ciclo global de protestos<sup>5</sup> (2011-2016), em eventos e movimentos como *occupy* em diversas praças do mundo, *indignados* nas acampadas na Espanha, ocupações nos liceus chilenos e de secundaristas no Brasil,

3 Na primeira metade do século XXI, essas são as recentes ocorrências de governos populistas entre os campos da esquerda e da direita: *A) populismo de direita* (o PEGIDA, na Alemanha, Marine Le pen e a Frente Nacional na França, o Partido Independente do Reino Unido, a Liga Norte na Itália, o Dansk Folkeparti, o Partido dos Democratas Suecos, o Partido dos Finlandeses, anteriormente os “Finlandeses Verdadeiros”, Geert Wilders e o Partido para a Liberdade holandês, Beppe Grillo o Movimento Cinco estrelas na Itália, o Partido do Povo suíço, o Vlaams Belang ou partido “Interesse Flamengo” na Bélgica, Jaroslaw Kaczynski e o Partido da lei e da Justiça na Polônia, Norbert Hofe e o Partido da Liberdade na Austria, Alternative für Deutschland e Aurora Dourada na Grécia, Erdo an na Turquia, Orbán na Hungria, Trump nos EUA, Duterte nas Filipinas, Bolsonaro no Brasil); *B) populismo de esquerda*, com Podemos na Espanha, SYRIZA na Grécia, os exemplos históricos latino-americanos de Perón, Chávez e Morales, os autonomistas no Chile, Bernie Sander e o DSA nos EUA, Corbyn no Reino Unido, Mélenchon na França, Obrador no México. Cf. Ferrara 2018.

4 Ferrara 2018, p.45.

5 Dean, 2016. Gerbaudo, 2017



além das *jornadas de junho* de 2013, protestos anti-copa e paralisação dos caminhoneiros, nas lutas contra medidas de austeridade na Europa, na primavera árabe, além de greves gerais de estudantes, servidores públicos, professores e trabalhadores endividados e reféns de empregos neoliberais que David Graeber<sup>6</sup> chama de “*bullshit jobs*”.

### **Por uma teoria crítica do populismo**

De um ponto de vista histórico, a controversa noção de populismo tem sido reelaborada de diferentes maneiras ao longo dos últimos 200 anos. Ainda, no âmbito conceitual, o filósofo argentino Ernesto Laclau é considerado um inegável referencial teórica do campo da esquerda, que conseguiu verter esse fenômeno, em seu caso mais específico a experiência do *peronismo* argentino, para uma articulação original que compreenderia o populismo com um movimento político antielitista central nas disputas de hegemonia, tal como Gramsci o pensou, nas sociedades ocidentais. No prefácio de *Sobre a Razão Populista*, Laclau observa que ele não tentou “*encontrar o verdadeiro referente do populismo, mas fazer o oposto: mostrar que o populismo não tem unidade referencial porque é atribuído não a um fenômeno delimitável, mas a uma lógica cujos efeitos atravessam muitos fenômenos*”. Neste aspecto, o populismo é, simplesmente, uma maneira de construir a política, podendo conter em suas manifestações, como veremos no decorrer deste artigo, tendências regressivas e progressistas de ação política. Em um recente esforço teórico, Muller e Mudde<sup>7</sup> procuraram reconstituir a história intelectual do populismo, chegando a compreensão de que as linhas gerais de tal fenômeno é composto por três discursos: 1) a defesa popular de um povo; 2) hostilidade às elites corruptas e egoístas que privam o povo de sua voz legítima, e 3) o objetivo de produzir um sistema social e político que permita que a vontade popular prevaleça. Com isso, os populistas tendem a despertar uma dimensão afetiva do povo através de uma variedade de dispositivos retóricos e estilísticos, incluindo líderes carismáticos autoritários, demonização maniqueísta e o uso de linguagem popular corrente.

A orientação teórica para diagnósticos do tempo de fenômenos como o populismo não foi somente elaborada por Laclau, mas esteve presente em diversos estudos críticos do marxismo ocidental articula-

.....  
6 Graeber, 2018.

7 Mudde 2017; Muller 2016.

dos no decorrer do último século. Se remetermos aos pioneiros estudos interdisciplinares da tradição da Teoria Crítica da sociedade, vinculados à vertente de uma esquerda hegeliana e comprometidos com o mote marxista da crítica como um “*auto esclarecimento das lutas e desejos de uma época*”, veremos que tais teóricos trataram na primeira metade do século XX de elaborar precisos diagnósticos dos movimentos políticos, populistas de direita em sua maioria, que emergiram com a crise de 1929 em países como a Alemanha e Estados Unidos. Como nos lembra o filósofo John Abromeit em uma edição especial da revista *Logos* sobre populismo na “Era Trump”, os teóricos reunidos em torno do projeto de Max Horkheimer<sup>8</sup>, como Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Erich Fromm, entre outros, compreendiam que o advento histórico do fascismo na Europa não fora uma simples coincidência, mas um fenômeno vinculado a uma forma extremista de populismo, produto de tendência psíquicas e sociais das sociedades capitalistas avançadas, que por sua vez encarnou sua forma mais robusta no nazismo perpetuado pelo Partido Nacional Socialista alemão.

Contudo, na consolidação da chamada segunda geração da teoria crítica e com o paulatino afastamento de Habermas de seus estudos e pesquisas empíricas de movimentos sociais efetuados em sua juventude<sup>9</sup>, em função de uma análise mais funcionalista, legalista e sistêmica

.....  
8 Partindo de clássicos estudos como “Egoísmo e movimentos libertários”, no qual Horkheimer analisa líderes autoritários na história dos movimentos políticos burgueses europeus, “A teoria do fascismo alemão” de Walter Benjamin, passando por projetos conhecidos como “A personalidade autoritária”, no qual Adorno desvela nos discursos conservadores de populistas americanos de direita uma concepção muito sintomática de uma ideologia proto-fascista, análise esta reverberada por Erich Fromm em um enfoque psicanalítico, podemos concordar que em diversos modelos presentes na primeira geração da Teoria Crítica, há um claro esforço em compreender o cerne ideológico de movimentos populistas, o que fora significativo para ao mesmo passo entender como a esquerda perdeu a disputa para o populismo de direita nos movimentos políticos no decorrer do século XX. Cf. Morelock 2018.

9 Na produção teórica habermasiana, seu estudo *Estudante e política*, continua sendo o mais importante nesse sentido. Mas vale notar os potenciais contidos nas análises de *Mudança Estrutural da Esfera Pública, A nova Obscuridade e Problemas de legitimação no capitalismo tardio e Na esteira da tecnocracia* que nos mostram um diagnóstico social do novo-conservadorismo e das “patologias políticas” presente no surgimento da sociedade neoliberal, embora não tratem de forma mais elaborada do fenômeno do populismo, somente menções laterais em entrevistas recentes.

da democracia liberal<sup>10</sup>, a teoria crítica desinflationaria seu potencial de compreensão político-econômica da complexidade de um fenômeno social como o populismo e das tendências neoconservadoras. Esse deslocamento teórico teve como consequência o fato de que a centralidade das dinâmicas de resistência à dominação política foi marginalizada e enfraquecida, desenvolvendo assim um déficit político<sup>11</sup> sintomático que impediu a teoria crítica habermasiana e pós-habermasiana de identificar e diagnosticar com precisão as lutas sociais que se acentuaram com a crise de 2008, em resposta às políticas de austeridade do neoliberalismo, bem como as dinâmicas econômicas que sistemicamente influenciam nos novos modos de dominação. Tal crise da teoria crítica<sup>12</sup> (da vertente da esquerda-hegeliana) pode ser explicada como decorrente da crescente exaustão ou esgotamento das energias utópicas e um retraimento da economia política nas teorias políticas normativas e pós-estruturalistas. Essa crise gerou uma espécie de “déficit imaginativo” e dialético no pensamento social, o que outrora seria fundamental para se pensar alternativas emancipatórias ao sistema capitalista.

O movimento de marginalização da economia política na crítica social nas décadas de 1980-90 se espraiou nas vertentes pós-modernas de estruturalismo francês em seu esforço de deflacionar o conceito de capitalismo por meio de um culturalismo que negligenciava seu aspecto econômico, mas de forma mais sintomática no campo da filosofia política e social, que passou a ocupar de temáticas normativas, mais próximas as teorias da justiça, como fora o caso de Jurgen Habermas e mais recentemente Axel Honneth. Embora lide com os efeitos da exploração, esta perspectiva se afastava paulatinamente da compreensão mais sistêmica da dinâmica estrutural do modo de produção capitalista que produziria tamanha desigualdade e daria novo fôlego a movimentos de massa como o populismo diagnosticado pela primeira geração da teoria crítica.

O retorno da tematização do populismo como um problema teó-

.....  
10 Fraser, Jaeggi 2018. De acordo Jaeggi, a abordagem “caixa-preta” da economia, hegemônica nos campos da filosofia política, passou a dominar até mesmo as alas mais à esquerda daqueles que advogam socialismo liberal, como os seguidores de John Rawls, ou até mesmo no campo da Teoria Crítica, a partir da virada normativa da segunda geração com Jurgen Habermas e seu deflacionamento da dimensão econômica, como esta fosse uma esfera não-normativa passível de ser politicamente domesticada pelos imperativos democráticos.

11 Melo, Werle 2013, mais recente Melo, 2018 e Deranty 2014.

12 Azmanova 2012; Kim 2014; Bellofiore 2015; Bonefeld 2014.

rico relevante para a tradição de uma Teoria Crítica da sociedade<sup>13</sup>, que presente em sua elaboração uma crítica política e econômica do capitalismo, vem sendo renovada por filósofos como Rahel Jaeggi, Nancy Fraser, Albenaz Azmanova, e de modo mais indireto, por Axel Honneth. Em seus projetos teóricos, a tematização central de sua teoria, diferente da apresentação de questões estritamente metateóricas, gira em torno de um diagnóstico das crises, contradições políticas e modos de regressão social do capitalismo neoliberal, bem como os indícios emancipatórios presentes nos novos movimentos sociais, ambíguos como se apresentam, nos campos feministas, ecológicos, anti racistas e classistas. É no contexto dessa retomada que proponho minha reflexão neste artigo. Na esteira dessas contribuições teóricas, minha hipótese é a de que o populismo não é causa da erosão política do capitalismo nem da democracia liberal, mas o seu sintoma mais consequente, isto é, é uma expressão patológica das democracias contemporâneas e de uma reação<sup>14</sup> (*backlash*), progressiva ou regressiva, ao travamento do sistema político pelos imperativos reificantes do neoliberalismo atualmente existente. O objetivo deste texto consiste, portanto, em reconstruir recentes diagnósticos de nossa época, no contexto do “momento, catarse, explosão ou virada populista”, a partir de contribuições de uma crítica social do capitalismo renovada pelos mais notórios representantes da última geração da teoria crítica como Axel Honneth, Nancy Fraser e Albenaz Azmanova.

### **I. Populismo como patologia das políticas de reconhecimento**

Após a vitória de Trump nas eleições de 2016, diversos teóricos críticos<sup>15</sup> vêm retomando importantes estudos da primeira geração como de Adorno, Horkheimer e Fromm para fornecer uma compreensão sociopsicológica da dinâmica do populismo. Contudo, mesmo que tais estudos possam fornecer insights importantes da lógica operativa propaga pelos movimentos neoconservadores, teóricos como Honneth e seus comentaristas esboçam certo receio quanto a atualização de tais diagnósticos, sobretudo em face da base teórica datada em que tais formulações foram apresentadas. Fortemente crítico do que seria o déficit sociológico desses teóricos, Honneth e sua teoria do reconhecimento

.....  
13 Abromeit 2018; Gandesha 2018; Kellner 2018.

14 Norris, Inglehart 2019.

15 Morelock 2018.



podem fornecer um potencial para apontar os limites de uma compreensão meramente economicista ou unilateral da dominação na sociedade capitalista. Para Honneth, a tradição da Teoria Crítica da sociedade estaria antes de tudo preocupada com um diagnóstico das patologias da razão<sup>16</sup>, isto é, como as manifestações de reificação que bloqueiam o desenvolvimento emancipatório dos potenciais racionais contidos em determinado momento histórico. Com a noção de reconhecimento social, Honneth procura designar normativamente uma relação intersubjetiva e recíproca que ocorre nas esferas de socialização da modernidade como a do amor, do respeito jurídico e da solidariedade. Nessas dimensões, o reconhecimento é um recurso normativo para que se possa ser avaliada, no contexto de uma infraestrutura moral do capitalismo, uma exame crítico de suas patologias. Esse padrão de crítica teria como ancoramento pré-científico as experiências de desrespeito e “desreconhecimento” que negam a possibilidade de autoestima, autorrespeito e autoconfiança, e oferecem forma de valorização ideológica<sup>17</sup>, reificante<sup>18</sup> ou paradoxal<sup>19</sup> de suas identidades enquanto autorrealização ou cooperação social. Tais violações ao desenvolvimento das identidades sociais dizem respeito justamente ao modo de estruturação dos movimentos políticos, pois tais experiências negativas alavancam lutas por reconhecimento que podem ser organizadas de maneira solidária em grupos que pretendem superar a negação de reconhecimento. Sob esse aspecto, a teoria do reconhecimento fornece uma psicologia social pertinente à compreensão das motivações que estão por trás do entusiasmo do apoio das massas à candidatos populistas, pois eles estão calcados em emoções moralmente saturadas que se referem a experiências coletivas de desrespeito e frustração das expectativas intersubjetivas de reconhecimento.

### **Da revolução neoliberal ao backlash populista**

Embora Honneth não tenha desenvolvido um diagnóstico sociológico *stricto sensu* dos movimentos populistas do século XXI, em suas recentes contribuições há importantes teorizações da dinâmica insti-

.....  
16 Honneth 2008.

17 Honneth 2014.

18 Honneth 2019.

19 Honneth 2010.

tucional das lutas, em seu caráter regressivo das barbarizações<sup>20</sup> dos conflitos sociais, quanto do potencial normativo no sentimento de indignação<sup>21</sup> frente aos retrocessos da era neoliberal. Contudo, competentes comentadores como Joonas Pennanen e Onni Hirvonen<sup>22</sup>, oferecem novas contribuições ao debate do fenômeno do populismo pela ótica de uma política do reconhecimento honnethiana. Os representantes da assim chamada “escola finlandesa da teoria do reconhecimento”, se aproximam da recente empreitada de Christopher Zurn<sup>23</sup> em fornecer uma aproximação política e de inflexão empírica à teoria de Honneth. Ambos têm nos legado até então a melhor interpretação ou tentativa de mobilizar o quadro teórico da teoria do reconhecimento em consonância com um preciso diagnóstico do tempo do fenômeno do populismo hoje em dia. Em seu projeto, Zurn está preocupado em fornecer uma interpretação moral do problema, a contrapelo das interpretações psicanalíticas<sup>24</sup> do fenômeno do populismo, que tem sido fonte de inspiração para novos diagnósticos. Sobretudo em decorrência do reavivamento das clássicas formulações interdisciplinares da psicologia social adorniana e sua análise de uma “personalidade autoritária” ou nas investigações de Erich Fromm acerca do autoritarismo e todas suas manifestações sádicas como uma tentativa de líderes de mobilizar uma alternativas aos sentimentos grupais de isolamento e incerteza, tais como as sugestões psicanalíticas de Eli Zaretsky<sup>25</sup> que o “trumpismo” seria uma reação do id contra o superego do controle racional das elites políticas, ou a abordagem de Liliana Mason<sup>26</sup> a respeito da dimensão tribal da identidade social do processo de formação do grupo populista. Para Zurn, o povo não estaria respondendo a pulsões profundas inconscientes que incorporam elementos de um tribalismo na medida que apoiam candidatos

.....  
20 Honneth 2014

21 Honneth 2011

22 Hirvonen, Pennanen 2018

23 Zurn 2018.

24 Uma retomada das teses freudianas em *O futuro de uma ilusão* (1927), *Mal-estar na cultura* (1936) e *Psicologia de Massa e análise do eu* (1921). No contexto brasileiro, um apanhado em termos atualizadores pode ser encontrado no recente livro de Hoffman, Birman 2018.

25 Zaretsky 2016

26 Mason 2018.

que prometem um retorno ao governo do povo ao dissipar a corrupção da elite política. Essas considerações de uma psicologia política de base universalista que lança padrões de uma sociabilidade humana imutável não conseguem dar conta do problema específico da retomada do populismo neste atual momento político e nos contextos em que se insurgem.

Diferente das teorias do reconhecimento, tais psicologias políticas negligenciam a dimensão de agência moral dos atores políticos, e não procuram compreender como tais sentimentos e emoções suscitadas pelas lideranças populistas estão situadas em narrativas de legitimação específicas de um determinado momento histórico. Em sua reconstrução, Zurn indica duas narrativas que seriam características do populismo no século XXI: a narrativa do *occupy wall street*, dos 99% contra o 1%, e a narrativa da *alt-right* ou nova direita bem sintetizada por Arlie Horchshild<sup>27</sup> como aqueles estranhos na própria terra que estão “na fila do sonho americano”. Essas narrativas seriam exemplos de dois modos de populismo que Zurn identifica no espectro da esquerda e da direita: o populismo *diático* (que oscila entre os pólos de uma elite contra um povo) e o *triático* (disposta entre a elite, contra um povo autêntico e um pseudo-povo traidor, impuro ou não autêntico)- sendo o primeiro presente nos governos da *pink tide* latino-americana e o segundo nas experiências autoritárias da nova direita global. Nesse caso, uma melhor compreensão dessa especificidade pode ser encontrada nas recentes pesquisas de Robert Inglehart e Pippa Norris, que corroboram a hipótese honnethiana de que o *backlash* cultural que estamos vivendo seriam expressas como mudanças na ordem de status, s saber, da revolução silenciosa dos valores culturais que teve espaço nos anos 1960-70.

Partindo da concepção de democracia honnethiana, fortemente influenciada desde os anos 1990<sup>28</sup> pela teoria social de John Dewey, Zurn confere ao populismo e as manifestações de polarização identitária como expressão politicamente patológica de uma concepção de democracia que não é vista como um modo específico de governo, mas sim como uma forma de vida social calcada em uma dinâmica intersubjetiva e cooperativa. Inspirado na concepção de democracia de Dewey<sup>29</sup>, Honneth adota essa alternativa como frutífera para outras teorias da democracia que

.....  
27 Hochschild 2017.

28 Honneth 2001

29 Para uma discussão sobre a relação entre Dewey na obra de Honneth, *vide* Petry 2018.

flertam com um republicanismo muito ético de Hannah Arendt e um procedimentalismo vazio da teoria habermasiana do discurso. Mesmo que Dewey critique a ideia liberal individualista de liberdade e endosse uma ideia comunicativa de liberdade, ele baseia a sua compreensão de democracia em um modelo de cooperação social e não de razão intersubjetiva como Arendt e Habermas. Assim, Dewey sustenta que sua concepção de liberdade individual como uma liberdade de associação que garanta autorrealização do indivíduo no contexto de uma divisão cooperativa do trabalho. Essa ideia de democracia pressupõe que a divisão do trabalho na sociedade é feita de determinada maneira que cada indivíduo compreenda si mesmo como uma parte de um todo. Apenas quando indivíduos podem entender seu trabalho como parte de uma contribuição significativa para uma sociedade cooperativa eles podem ver o valor da deliberação democrática sendo o melhor instrumento racional de resolver problemas coletivos.

Na interpretação honnethiana, Dewey conecta duas ideias de comunidade democrática e deliberação racional no qual os republicanos e procedimentalistas das teorias deliberativas acabaram por separar, fazendo assim a conexão entre democracia como um ideal político e social. Essa intuição de uma teoria da democracia é retomada na seção final de *Direito da Liberdade* (2011), no momento que Honneth discute as pré-condições de uma cultura política saudável. Honneth propõe, *a lá Dewey*, que a motivação de indivíduos em participar na formação de vontade democrática é dependente da qualidade de relações sociais nas duas esferas da economia e da família, e da possibilidade de entender essas esferas como cooperativas esferas de liberdade social. Para isso, Honneth enfatiza como a realização da liberdade individual é dependente de uma esfera pública democrática que permite a seus indivíduos de modo intersubjetivo terem uma participação nos processos de discussão e construção de regras, políticas públicas e instituições como um todo. A esfera pública democrática e o Estado de direito constituem a encarnação da liberdade social, na medida que permitem as condições sociais necessárias para que os indivíduos se articulem comunicativamente, em ordem de realizarem decisões coletivas de maneira cooperativa e experimental. Com isso, a democracia se torna uma prática social que tem como objetivo garantir de modo reflexivo a cidadania mútua e autodeterminação de uma comunidade. De acordo com Zurn<sup>30</sup>, trata-se uma proposta de democracia radical que Honneth está reivindicando em sua reconstrução

.....  
30 Zurn 2013, p.184; Zurn 2018.

da democracia em termos de uma liberdade social. Para tanto, Honneth elabora sete condições para a efetividade dessa esfera pública democrática: (a) direitos políticos, (b) dimensão transnacional da cidadania democrática, (c) uma mídia de massa responsável e não manipuladora, (d) vontade coletiva de cidadãos em participar de processos deliberativos e uma sociedade civil ativa, (e) cultura política solidária, (f) um estado constitucional de direito que garanta a operação da esfera pública, (g) um eticidade democrática que articule todas as dimensões de uma forma de vida democrática. No entanto, em seu diagnóstico da realização de uma eticidade democrática nas sociedades capitalistas contemporâneas, Honneth indica o quão afastados estamos de satisfazermos as condições para uma cooperação social como uma forma de cultura política democrática. Para Honneth<sup>31</sup>, o populismo é a manifestação de que há um desencanto com a política representativa tradicional, manifestado pela população como uma desconfiança difusa com a intervenção corporativa nos procedimentos e espaços de discussões coletivos da vida pública. Tais decisões políticas são levadas a cabo no âmbito parlamentar não como resultado de uma formação pública da vontade popular, mas do interesse de setores lobbystas financeiristas, verdadeiros “cartéis do poder”, que definem agendas e decisões políticas em vista das condições de lucro capitalista. Desse ponto de vista, a incompatibilização entre um Estado de direito democrático com o capitalismo se mostra claro no privilégio sistemático dos interesses econômicos nas decisões do Estado e nas consequências da privatização da vontade política que lhe acompanha.

Ora, tal diagnóstico corrobora a recente literatura acerca da recessão democrática<sup>32</sup> que estamos vivendo. Pois, tendo em vista as recentes manifestações do populismo reacionário da direita, Zurn reforça que parece claro que tais políticas calcadas em um ódio excludente expresso em discursos racistas, etnocêntricos, misóginos, xenófobos, homofóbicos têm como característica central a rejeição e não a ampliação da inclusão de novos membros de um “nós” democrático, como membros livres e iguais de uma comunidade política. As consequências dessa reorganização do campo político de polarização social gera uma estruturação das interações sociais em termos de uma competição entre grupos numa lógica adversarial que reforça um combate entre que

.....  
31 Honneth 2011, p.624.

32 Levitsky, Ziblatt 2018



tende, inevitavelmente, a disputa identitária e existencial pela verdadeira noção de “povo”, levando a uma patológica rejeição da noção da sociedade como uma forma plural, coletiva e cooperativa de resolução de problemas, mesmo meio a diferentes interesses, opiniões e valores, em busca conjunta de boas soluções na esfera pública. Para Onniven e Pennanen<sup>33</sup>, representantes da escola finlandesa, o modo populista de caracterização da organização política e social obstruem o processo e a possibilidade de formação identitária em termos de um reconhecimento recíproco. Esse bloqueio estrutural é manifestado em termos de uma patologia política, isto é, uma má-formação ou um disfuncionalidade social que além de conceber a sociedade como uma ordem estática que não condiz com a dinâmica moral dos conflitos sociais, impede a realização da promessa normativa de reconhecimento incrustada nas instituições sociais, tornando essas mesmas instituições obstruídas politicamente do seu potencial de contestar as normas de reconhecimento vigentes.

De modo geral, Onniven e Pannanen<sup>34</sup> reforçam que a maneira como as identidades sociais são formadas sob as condições do populismo geram ao menos três consequências drásticas para o desenvolvimento de relações mútuas de reconhecimento: a) a lógica adversarial reforça o reconhecimento do outro como uma identidade pré-formada. Logo, o populismo não abre espaço para auto-definições de grupos ou indivíduos, mas prescreve de maneira antagônica rótulos reificantes. (por exemplo um xenófobo de extrema-direita cristaliza a visão do imigrante como criminosos e estupradores, impossibilitando o reconhecimento de uma identidade positiva.) b) o populismo limita a autocompreensão de “um povo” ao estreitar o auto reconhecimento dos participantes desses mesmos movimentos populistas, isto é, ao mobilizar seus integrantes por meio da narrativa de marginalização social e ressentimento direcionado a um inimigo, eles reproduzem uma dinâmica de exclusão social aprofundando esses sentimentos de marginalização, ou em termos hegelianos, os populistas estariam presos a uma luta por vida e morte enquanto almejam eliminar o outro enquanto o caminho para autorrealização estaria próximo do reconhecimento intersubjetivo do outro. c) o populismo ao reiterar uma dinâmica de “nós” contra “eles” limita assim a possibilidade de progresso social na medida que ossifica identidades e impede a possibilidade reflexiva de se avaliar o conteúdo dessas iden-

.....  
33 Hirvonen, Pennanen 2018, p.9

34 Idem, p.11-14

tidades e de novas formas de compreensão do mundo social. Essas três consequências elencadas pelos teóricos finlandeses das políticas populistas constituem a dimensão patológica que contraria a dimensão normativa do reconhecimento: demanda para mutualidade, abertura existencial e consideração da alteridade do outros indivíduo ou grupo social fundamentais para evitar patologias da *reificação*<sup>35</sup>, *alienação*, racismo e *invisibilidade social*, *sofrimento de indeterminação* e suas reverberações clínicas como depressão e *bordeline*, e desenvolvimentos desviantes na esfera pública que, em última instância, formam o núcleo do desrespeito social e da ideologia neoliberal da liberdade negativa ou da compreensão individualista do *homo economicus* como forma legítima de individualização social.

### **Do realismo populista à hipótese socialista**

Na mesma medida, é importante frisar que noutra parte do espectro político há também os riscos políticos para realização efetiva de um reconhecimento recíproco e liberdade social na esfera pública. Honneth<sup>36</sup> defende que é sintoma de uma patologia política do pensamento tradicional de esquerda, preso ao paradigma produtivista e funcionalista do marxismo, que leva conseqüentemente ao risco de que a experiência socialista esteja próxima a uma perspectiva nacionalista e vanguardista típica dos populismos de esquerda que recairiam em erros congêntos como a inevitabilidade histórica do comunismo, o proletariado como classe privilegiada da emancipação e concentração na esfera econômica como única dimensão de autorrealização. Segundo Honneth, o fundamentalismo econômico que permeou os primeiros socialistas os levou a dois equívocos fatais para quem almejava uma emancipação social: *um déficit democrático*, por submeter a vontade política de todos cidadãos a um reducionismo econômico e um *déficit de diferenciação funcional* entre um nível normativo e empírico que provocou conseqüentemente uma cegueira em relação aos direitos fundamentais. Conseqüentemente, isso

.....  
35 Honneth 2019.

36 Honneth 2016, p.100-101 – “ *the true extent of the state’s loss of sovereignty cannot be denied just for the sake of gaining public consent as quickly as possible. Whereas in the first case this would give rise to the danger of avant-gardism or elitism, here it would give rise to the danger of populism. All these disjunctures only make clear how hasty and imprudent it would be to claim that socialism is an obviously and solely “internationalist” project. Certainly, socialism does aim to foster experimental explorations across the globe that seek to bring about a democratic form of life.*”. Cf. crítica de Žižek 2017 a esta concepção.

deixou de fora, por exemplo, o domínio da intimidade, isto é do casamento, relações afetivas e familiares, e quando o era tematizado sempre sofria uma análise reducionista submetida a esfera econômica. Desse modo, o resultado político é que diversas opressões sofridas por mulheres não puderam ser tematizadas sem serem sub determinadas ou relegadas a uma importância inferior a outros conflitos<sup>37</sup>. Embora leve em conta uma crítica ao mercado, ela não pode se limitar a esfera sócio econômica, pois é necessário antes de tudo, garantir liberdade social nas relações familiares e amorosas assim como nos processos de formação da vontade pública.

Com o objetivo de superar essas influências pervasivas do mercado capitalistas na eticidade democrática, Honneth apela à necessidade da formação de uma cultura política comprometida e transnacional para o desenvolvimento da vontade pública em um renovado projeto experimentalista radicalmente democrático de socialismo.<sup>38</sup> Desta maneira, é imprescindível para Honneth que a tarefa do socialismo consista em purificar o conceito de mercado de todas as impurezas das propriedades próprias do capitalismo que lhe foram acrescentadas posteriormente, a fim de poder testar sua resiliência moral da mesma maneira que Karl Polanyi, Amitai Etzioni e Albert Hirschmann procederam ao fazer uma crítica da ideologia dominante que legitima o mercado capitalista como força única de estruturação econômica. Essa crítica da ideologia promovida por estes autores consiste em “*destruir a impressão profundamente enraizada de que o funcionamento dos mercados dependeria da propriedade privada hereditária dos meios de produção e que, por conseguinte, estes só poderiam ser bem-sucedidos sob a forma capitalista*”.<sup>39</sup> Somente com essa crítica desconstrutiva do mercado capitalista é que, para Honneth<sup>40</sup>, poderemos pensar modelos socialistas de mercados ou de socialização do mercado através da introdução de “*um rendimento básico garantido e de instâncias de controle democrático*”. Tal projeto deverá ser levado de forma prática por meio de uma conquista permanente de espaços de liberdade e de nichos sociais que permitam testar, em condições reais e respeitado a memória de outras experiências históricas socialistas pro-

.....  
37 Honneth 2018.

38 Honneth 2015

39 Idem, p. 97

40 Idem, p. 99.

missoras. Brevemente, Honneth ilustra a dimensão mais utópica de sua formulação ao descrever algumas experiências contemporâneas<sup>41</sup> desse modelo cooperativo de socialismo que estariam presentes nas utopias realistas das associações na cidade de Mondragón, no fundo de trabalhados no Canadá, e outras iniciativas experimentais descritas pelo sociólogo Erik Olin Wright em seu livro “*Envisioning real utopias*”, mas infelizmente não aprofunda tal abertura sociológica, o que elucida cada vez mais o caráter metapolítico de tal projeto. Em suma, é levando em conta o socialismo como processo histórico geral de libertação de dependências e entraves a uma comunicação livre, que Honneth critica a fixação da esquerda marxista em ver o proletariado como esse sujeito da mudança social visto que sua noção já foi diluída atualmente pelo movimento operário, e realoca o destinatário não como membros de uma classe ou grupo social, mas a todos os cidadãos.

## **II.A catarse populista: do consenso neoliberal à contestação populista**

No ensejo de renovação de diagnósticos políticos da teoria crítica, a filósofa búlgara Albenaz Azmanova compreende assim como Fraser que os modelos teóricos formulados até a terceira geração representada por Honneth, teriam recaído numa forma idealizada de teoria, o que Michael Thompson<sup>42</sup> também chama de “domestificação da crítica social”, tendo cedido seu fundamento a uma antropologia a-histórica e quase-transcendentalista (no caso da teoria do reconhecimento) e, com isso, perdendo seu engajamento original com a economia política e com os recursos emancipatórios presentes nos conflitos contemporâneos, algo que o materialismo dialético conseguia de maneira rigorosa ao colocar a relevância política de um problema<sup>43</sup>.

.....  
41 Como alternativa ver livro Hahnel, Olin, Wright 2016 e Rogers 2014.

42 Thompson, 2017

43 De acordo com Azmanova, a solução desses impasses da Teoria Crítica poderia ser sanada por meio de uma virada pragmática articulada por meio de uma “economia política da esperança”, uma forma de lutar contra a lógica mundana e onipresente de subjugação automatizadas na reprodução social (2017, p.32), e também por meio de ações políticas específicas como uma liberalização drástica dos mercados de trabalho e a institucionalização de uma rede de seguridade social robusta para encorajar indivíduos uma saída voluntária do mercado do trabalho. (2017, p.31). Essas saídas seriam financiadas por meio de uma taxa efetiva das rendas, demandas que essas que estavam presentes nos protestos dos indignados, na Espanha, e *Occupy* ao redor do mundo. Em relação ao capita-

Tal reformulação da dimensão política em Azmanova<sup>44</sup>, passa pela recuperação da ideia lefortiana de política como esfera da representação simbólica<sup>45</sup>, tendo tal contribuição como ponto de partida para se delinear um quadro teórico que, por sua vez, servirá como fundamento para a crítica da nova insurgência populista no ocidente. Partindo dessa chave interpretativa, o “político” na compreensão de Azmanova não é um espaço relegado ao passado, mas sim um produto moderno gerado por uma dinâmica social que pode assumir, pelo menos na acepção contemporânea, uma natureza *conflitiva* ou *cooperativa*. Com essa distinção, a filósofa búlgara procura opor duas escolas de pensamento político contemporâneos que disputam a hegemonia da crítica social, a saber, um modelo descrito pela filósofa como “ortodoxo”, inspirado no liberalismo político de John Rawls e outro modelo “radical” fincado na ideia adversarial de Ernesto Laclau, Chantal Mouffe e Slavoj Žižek. Ressaltando com isso os limites e potenciais da interpretação de cada um ao fenômeno do populismo, para em seguida, apresentar em sua elaboração teórica seu diagnóstico nos termos de um terceiro modelo interpretativo do político<sup>46</sup>, mais próximo da vertente de uma teoria crítica da sociedade.

Em primeiro lugar, a ideia central presente no *modelo ortodoxo*, que remonta uma tradição liberal-contratualista e tem sua maior herança na teoria rawlsiana, compreende o político como expressão de uma concepção de justiça que é compartilhada por uma pluralidade de doutrinas compreensivas de uma vida boa, isto é, que não partem de uma visão particular de mundo mas que encontram de forma imanente nos princípios de uma cultura política de determinada sociedade, marcada pela capacidade de ser razoável. Sob essa abordagem, a dimensão política está sempre vinculada a uma dinâmica razoável de cooperação mútua<sup>47</sup>, mas

---

lismo, Azmanova diagnostica nosso atual estágio como um pós- neoliberalismo a que ela nomeia de capitalismo agregativo marcado pelo paradigma do risco. In: Azmanova 2017.

44 Azmanova 2018.

45 Lefort 1991.

46 Eu adicionaria recentes interpretações que tendem ficar entre uma abordagem da teoria da justiça e das teorias da sociedade civil, mas com um forte enfoque de teoria social normativa liberal e republicana radical como: Arato 2017. Rosanvallon 2017; Ferrara 2018; Ubinatti 2018.

47 Cf. Rawls 1991. Ubinatti 2018. Ferrara 2018.



tem como desvantagem, ser reduzida a uma disposição de movimentos técnicos e de procedimentos neutros, o que influencia em sua recusa o da centralidade do líder no fenômeno populista, considerada por esta tradição como uma afronta ao consenso normativo que subjaz uma ordem institucional vigente. O populismo, em todo seu alcance, passa a ser visto como uma incapacidade constitutiva e estrutural de tais atores estabelecerem uma atitude política razoável e consensual, e uma incitação aos sentimentos de revolta e ódio popular, impedindo um pluralismo razoável de entendimento recíproco.

Por outro lado, o *modelo radical* que remonta aos escritos de Maquiavel, Marx e Carl Schmitt, compreende que é a dimensão conflitiva da luta política, e não a cooperativa, que proporciona a dinâmica adversarial das instituições. Essa concepção é sustentada por teóricos como Chantal Mouffe, Ernesto Laclau e Slavoj Žižek no debate contemporâneo, e pelo menos para os dois primeiros, o auxílio do populismo é visto como catalisador desse modelo de construção do político. Na defesa de uma democracia radical, as instituições que constituem esse domínio do político estão expressas em termos adversariais. Ao longo do século XXI, Mouffe vem formulando sua teoria política em torno de uma atualização da teoria gramsciana da hegemonia na forma de uma política agonística que supere a atual configuração das democracias liberais e das versões social-democratas de neoliberalismo como aquele proposto pelos defensores da “terceira via”. Na mesma medida, Mouffe vem oferecendo importantes diagnósticos da insurgência populistas de direita na Europa e como a esquerda vem falhando em considerar a ameaça de tais manifestações patológicas. Recentemente Mouffe (2018) lançou um verdadeiro manifesto para um populismo de esquerda clamando não só teoricamente, mas politicamente como nas eleições francesas e na sua proposta de uma “Internacional populista”, para uma radicalização da esquerda contra a hegemonia da pós-política neoliberal. De acordo com Azmanova, embora ambos modelos sejam válidos para uma compreensão do fenômeno do populismo, eles oferecem uma visão deficitária do fenômeno, pois, se por um lado, o entusiasmo ao endossar uma visão radical não garante a certeza de verificar os instintos iliberais, totalitários e autoritários presentes em um movimento populista, nem se permanecemos refém de um elitismo metodológico no modelo ortodoxo, que é justamente fonte de crítica por parte do populismo do distanciamento da vontade popular.

## **Da erupção constestatória à transformação construtiva**

Como alternativa metateórica, o terceiro modelo de uma concepção do “político” empreendido por Azmanova, diferente da lógica do combate do modelo adversarial e da lógica do consenso do modelo ortodoxo, concebe a dimensão política como uma esfera contestatória das normas existentes que produzem injustiça social. Ao compartilhar uma visão de injustiça, e não uma ideia de justiça como no liberalismo rawlsiano, que podemos ter uma prática social de contestação das regras existentes, e não meramente dos atores, partidos, estados ou indivíduos como no modelo adversarial. Esse processo constante de contestação permite que experiências de injustiça social sejam articulados em sua validade moral e ação política. Com efeito, o diagnóstico de Azmanova consiste em mostrar como o espaço de contestação política diminuiu, como as experiências de sofrimento resultantes do consenso da política econômica foram despoliticadas. Como a liberalização econômica e a integração de mercado eram consideradas sem alternativa, a repercussão social dessas políticas não poderia se tornar um objeto de política e, portanto, tornou-se politicamente impensável.

Em outras palavras, queixas de injustiças sofridas por políticas de competição global de mercado não tinham lugar na esfera de preocupações que poderiam ser abordadas na esfera pública política, isto é, através de um conjunto de políticas públicas específicas, como as consequências sociais da política econômica neoliberal não poderiam ser um objeto válido de contestação política, a esfera do político como um domínio de interesses compartilhados politicamente significativos. Além disso, para Azmanova a crítica social e a política progressista na era neoliberal foi cúmplice neste encolhimento do espaço do político. Contestação política ocorreu quase exclusivamente em termos de demandas por acesso ao sistema de capitalismo democrático (por exemplo, entrada no mercado de trabalho para mulheres e minorias étnicas, inclusão política e ativação dos pobres, abertura do contrato de casamento a casais não heterossexuais) e igualdade dentro desse sistema fechando o hiato de gênero na remuneração, garantindo o devido reconhecimento às minorias étnicas, raciais e outras minorias).

Tendo sido resultado das novas exigências do público em relação ao efeito social agenda política neoliberal, a paisagem ideológica das democracias ocidentais mudou. Ao longo do século XX, o mapa ideológico das democracias capitalistas se configurou ao longo da divisão esquerda-direita, determinada pelo agrupamento de preferências ao longo de um eixo cultural e econômico. O econômico abrangia desde economia

regulada até economia de mercado livre; o cultural - dos valores liberais aos conservadores. Desde a virada do novo século, uma nova configuração surgiu. Para Azmanova, na medida que as elites dominantes em todo o espectro ideológico passaram a abraçar os mercados livres, a divisão econômica relevante diz respeito à abertura do mercado e abrange mercados domésticos abertos e fechados, ao invés de economias livres para economias reguladas.

O eixo cultural das divisões ideológicas também mudou para a tensão entre o cosmopolitismo contra o soberanismo/patriotismo, que oblitera a divisão liberal-contra-conservadores ao longo da qual ocorreram as guerras culturais dos dois séculos anteriores. Consequentemente, a clivagem esquerda-direita que estruturou a paisagem ideológica das sociedades modernas desde a revolução francesa está sendo substituída por uma nova: preferências públicas por cosmopolitismo e integração econômica internacional estão agrupadas em torno de um novo polo da *oportunidade* contraposto às preferências por proteção cultural e econômica de polo do *risco*. Esse novo agrupamento de preferências públicas ao longo de uma divisão entre oportunidade e risco, determinado por atitudes em relação à nova economia de fronteiras abertas e à inovação tecnológica, começou a tomar forma já no final do século passado.

No período abrangendo as duas últimas décadas do século XX até hoje, o poder de decisão teria sido mantido pelo *polo de oportunidades* com uma aliança de forças (elites políticas de centro-esquerda e centro-direita e formadores de opinião) que reforçaram o consenso da política neoliberal, unidos em torno da infame lógica política TINA<sup>48</sup>. Como essa política era considerada sem alternativa e, portanto, não era uma questão de contestação ideológica, ela poderia ser aplicada por meio de medidas tecnocráticas supostamente apolíticas e por uma classe política de administradores profissionais treinados em escolas de elite. Pretendia-se que isso fosse uma meritocracia com o melhor governo instruído e capaz, equipado por uma ciência da política que fosse um saber governante incontestável. No entanto, essa regra passou a ser experimentada como um método elitista de gestão populacional sem a liderança política. Essas dinâmicas tiveram um impacto peculiar no político. Sob o regime de política do TINA, o espaço do político não foi preenchido com o simbolismo da engenharia política magnânima de um futuro brilhante, como foi

.....  
48 *There is no alternative*, lema neoliberal propagado por Thatcher, o que se convencionou chamar por “realismo capitalista” (Mark Fisher)

o caso sob o socialismo burocrático da Europa Oriental e Central após a Segunda Guerra Mundial. Tampouco a técnica do domínio perito, não contaminada por batalhas ideológicas esquerdistas, sufoca o político, como postula a hipótese pós-política.

Como resultado disso, tornou-se impossível politizar as queixas do polo risco que estavam relacionados com o impacto social da política econômica neoliberal (ou seja, a dinâmica da produção de lucros competitivos). Estas pessoas foram efetivamente excluídas: eles não têm uma voz, mesmo que eles não têm um voto, esse voto não poderia ser lançado contra algo que não estava na agenda política definida pelo centro-esquerda e de centro-direita operadores históricos. Além disso, as elites dominantes negaram as forças mobilizadoras em torno da validade do polo de risco como atores políticos. Com isso eles foram rejeitados e suas demandas foram consideradas implausíveis, seus líderes foram desacreditados como ignorantes e incivilizados. Para Azmanova, a arrogância da elite liberal e a postura hostil que tomou contra o seu inimigo (as forças do polo do Risco) são bem ilustradas pelo gesto de partidos de centro-esquerda na Europa de reivindicar para si mesmos força retrógrada.

De modo a compreender as ressonâncias políticas desse deslocamento ideológico, no atual contexto de “crise da crise”, Azmanova mobiliza a pesquisa de Jan-Werner Muller<sup>49</sup> que concebe o populismo a partir de três características: é um fenômeno crítico das elites, é anti-pluralista e tem uma demanda moral por representação do povo. No entanto, como nota Azmanova, no contexto neoliberal, essas características são as mesmas compartilhadas pelas classes dominantes: pois tal populismo é crítico das massas, visto que os eleitores de Trump e aqueles que apoiam o *Brexit* são descritos como ignorantes, é anti pluralista, p.e centro-direita e centro-esquerda compartilham de posições sociais de classe média similares e visões de mundo similares, e tem uma visão moral de mundo contra todos que não são populistas. Com isso, Azmanova chama atenção para a possibilidade de populismo assumir o mesmo significado que Koselleck chamou de um “*contra-conceito assimétrico*”, um conceito que expressa uma desigualdade na distribuição de poder, presente em conflitos onde a correlação de força sempre foi desfavorável. Desse modo, o gesto populista é uma inovação do “direito a política” (ressoando ideia de Seyla Benhabib do “*direito à democracia*”), o direito de ter importância politicamente contra a gerência tecnocrática do *status quo*, a possibili-

.....  
49 Muller 2018.

dade de ter a experiência de injustiça social levada em conta como uma preocupação relevante para ação de políticas públicas. Neste aspecto, o levante populista estaria retirando a democracia de seu estado de crise em uma situação catártica para uma transformação construtiva.

O diagnóstico de Azmanova consiste em dissecar um novo e incomum populismo, compreendido aqui como um fenômeno circunscrito às democracias capitalistas (europeias) do início do século XXI, e segue pelo menos quatro aspectos: o novo populismo tem seu surgimento e afluência recente na última década e, diferente da experiência de um populismo nazista de anos 1930, a insurgência anti-sistêmica não precedeu uma crise econômica ou um período de penúria material. Paradoxalmente, elas tiveram ocorrências em sociedades desenvolvidas e com uma estrutura democrática consolidada e de igualdade social como Finlândia, Suíça, Áustria, Holanda e França, onde partidos de direita registaram as primeiras experiências de sucesso eleitoral. Em segundo lugar, a dimensão xenófoba desse populismo é de origem econômica e não identitária, isto é, para Azmanova, a hostilidade contra imigrante não é necessariamente fruto de uma questão racial ou de arrogância cultural, mas é essencialmente pelo fato que, como a socióloga norte-americana Arlie Hochschild interpretou os eleitores de Trump do *Tea Party* da Louisiana, região de pauperização crescente pós-crise nos EUA, eles “estariam na fila” e assistiram com a emergência de uma elite cultural pessoas sendo favorecidas economicamente fazendo-os serem “estranhos em sua própria terra”<sup>50</sup>.

.....  
50 Horschild mostra como a nova direita americana forjada no *tea party*, localizada em especial no *rust belt*, se sentiu abandonada pelo sistema, e impedida de perseguir o “sonho americano e as promessas de prosperidade e liberdade contida nesse ideal normativo. Para isso, ela cita a metáfora da fila mobilizada pela extrema-direita como sendo um espaço estagnado por eles em endividamento e trabalho sem retorno, enquanto muitos estavam “furando”, isto é, tendo acesso as políticas simbólicas que o neoliberalismo progressista proporcionou para minorias. A “deep story” que ela elaborou e fora confirmada em suas entrevistas é a seguinte: “*You are patiently standing in a middle of a long line leading up a hill, as in a pilgrimage. Others beside you seem like you—white, older, Christian, predominantly male. Just over the brow of the hill is the American Dream, the goal of everyone in line. Then, look! Suddenly you see people cutting in line ahead of you! As they cut in, you seem to be being moved back. How can they just do that? Who are they? Many are black. Through federal affirmative action plans, they are given preference for places in colleges and universities, apprenticeships, jobs, welfare payments, and free lunch programs. Others are cutting ahead too—uppity women seeking formerly all-male jobs, immigrants, refugees, and an expanding number of high-earning public sector workers, paid with your tax dollars. Where will it end? As*”



Por conseguinte, na medida em que determinados populistas de direita são críticos em relação aos mercados abertos, livres de intervenção, acabam endossando medidas de proteção social e com isso, revela-se uma tendência corrente da extrema direita (como no francês *Front National* ou no holandês *Partij voor de Vrijheid*) em adotar uma reação contra medidas de austeridade, uma postura *anti-establishment*, levando-nos ao último aspecto, a saber, que todos sigam e garantam regras iguais para todos. Em suma, o novo populismo tende a ser ao mesmo tempo organizado em torno de forças políticas que rejeitam o estilo tecnocrático que políticas públicas são criadas ao passo que rejeitam uma agenda globalizada neoliberal que não cumpre as regras inerente a uma organização econômica justa. Com efeito, essa plataforma política oscila entre dois polos políticos ideológicos, que os divide entre aqueles que mantêm preferências pelo cosmopolitismo e integração econômica internacional, que estão segundo Azmanova, no pólo político da *oportunidade*, enquanto as preferências por proteção cultural e econômica, estão no polo político do *risco*. Em seu diagnóstico, Azmanova aponta que a crítica social e as políticas progressistas na “Era neoliberal” apareceram espaços limitados de contestação e foram traduzidos em demandas por acesso ao sistema de capitalismo democrático e de igualdade social com o sistema. O problema é que, ao fixar em demandas por acesso social, essa dinâmica capitalista teve como resultado que a estrutura competitiva e de maximização de lucro permanecesse infectada e a produção de formas sistêmicas de injustiça e dominação levou a emergência de fenômenos regressivos como a constituição de um precariado.

---

*you wait in this unmoving line, you're asked to feel sorry for them all. People complain: Racism, Discrimination, Sexism. You hear stories of oppressed blacks, dominated women, weary immigrants, closeted gays, desperate refugees. But at some point, you say to yourself, you have to close the borders to human sympathy—especially if there are some among them who might bring harm. You're a compassionate person. But now you've been asked to extend your sympathy to all the people who have cut in front of you. You've suffered a good deal yourself, but you aren't complaining about it or asking for help, you're proud to say. You believe in equal rights. But how about your own rights? Don't they count too? It's unfair. Then you see a black president with the middle name Hussein, waving to the line cutters. He's on their side, not yours. He's their president, not yours. And isn't he a line-cutter too? How could the son of a struggling single mother pay for Columbia and Harvard? Maybe something has gone on in secret. And aren't the president and his liberal backers using your money to help themselves? You want to turn off the machine—the federal government—which he and liberals are using to push you back in line. (Hochschild 2016, p.52)*

Nestes termos, a irrupção populista é interpretada como um *agionamento*, uma articulação de experiências sociais de injustiça em demandas válidas de justiça. Ao reivindicar uma política *anti-establishment*, o populismo coloca em xeque o paradigma do TINA), isto é, a ideia promulgada por Thatcher e todos arautos do neoliberalismo de que não haveria alternativas a uma economia livre de mercado, e com isso, eles revelam a dimensão contingente do neoliberalismo abrindo espaço catalisador da democratização do político. Esse movimento de rearticulação, no entanto, pode ser traçado em duas distintas trajetórias: uma de ordem radical e outra mais reformista. A *alternativa radical*, compartilhada nas plataformas políticas de Bernie Sanders nos EUA, por Jeremy Corbyn no Reino Unido e Mélenchon na França, teriam como foco uma mudança estrutural nas políticas econômicas neoliberais calcadas na desregulamentação dos mercados e na privatização de direitos sociais.

A *alternativa reformista* seguiria uma estratégia de gerenciamento de crise por meio de políticas compensatórias que reforçariam um nacionalismo<sup>51</sup> econômico, social e cultural, e com isso, reforçariam as injustiças sociais produzidas sistemicamente pelo capitalismo globalizado. Esse conflito entre um populismo democraticamente radical e um populismo nacionalista é expressão de uma crise política que, no entanto, pode ser articulada de modo emancipatório presente, como Azmanova aponta, pelo questionamento dessa lógica presente nos protestos dos secundaristas<sup>52</sup> quando dizem “nem pátria, nem patrão, nós merecemos mais que isso”, isto é, contra o neoliberalismo de Macron e o nacionalismo de Le Pen, indicando uma crítica a política tecnocrática por vias de uma internacionalização da luta socialista pela forma de vida democrática.

.....  
51 Em outras intervenções, a filósofa Wendy Brown fala de um neoliberalismo nacionalista (ou apocalíptico) e o geógrafo David Harvey elabora a ideia de um neoliberalismo autoritário.

52 No contexto brasileiro a onda de ocupações secundaristas é um exemplo desse espírito (Campos 2017). A articulação de “contrapúblicos subalternos” em torno de cada escola ocupada (com assembleias horizontais diárias, aliadas a atividades doadas por coletivos feministas, estudantes e professores universitários, movimentos culturais periféricos, dentre outros atores sociais) com esferas públicas intermediárias (universidades, juristas, movimentos populares e sindicais, mídias alternativas nas redes sociais e até mesmo a indústria cultural) reforçou a legitimação social das ocupações (Medeiros, Melo, Janeiro 2017, pp. 9–17).

### III. Novo Interregnum: do neoliberalismo progressista ao populismo hiper-reacionário

Desde seu debate travado com Axel Honneth<sup>53</sup> em torno de uma disputa dos paradigmas do reconhecimento e redistribuição na crítica social, Fraser vem aprimorando sua tentativa de fornecer uma crítica política das lutas do presente. A retomada de uma análise do capitalismo que atualize *insights* dos dois Karls, isto é, Karl Marx e Karl Polanyi, constitui justamente os referenciais com o qual Fraser vem construindo um modelo teórico de diagnóstico as crises recentes do capitalismo neoliberal. O evento da eleição de Trump para presidência dos EUA marcou um momento chave no pensamento de Fraser para a compreensão do atual momento de regressão social. O resultado é que em recentes entrevistas e textos, Fraser apresenta uma nova compreensão da atual dinâmica política a partir de lutas redistributivas e lutas por reconhecimento, em especial no atual contexto pós-crise 2008, na medida em que essa bifurcação se apresenta em dois eixos distintos de hegemonia: na dimensão distributiva, marcada pelas políticas públicas que sustentam a estrutura econômica e de classe da sociedade, é representado pela política do populismo e do neoliberalismo<sup>54</sup> e na dimensão simbólica, representada pela dimensão cultural e ética dessa dinâmica societária, marcada pela estima social e pelo respeito de hierarquias de *status*, é politicamente representada pelas frentes políticas do progressismo e do reacionarismo.

Em sua reconstrução, Fraser nota que a vitória de Trump não foi sintoma de uma rejeição do capitalismo globalizado como todo, mas da crise de hegemonia de um modelo nomeada pela filósofa de *neoliberalismo progressista*, uma espécie de governança que alia o aspecto emancipatório dos novos movimentos sociais, em especial o feminismo, com o empresariado e setores importantes do sistema financeiro com alta representatividade simbólica representado pelos polos de Wall Street, Vale do Silício e Hollywood. Em sua forma constitutiva, esse bloco hegemônico seria marcado pela junção de um programa econômico plutocrático com políticas liberais do reconhecimento, que só conseguiu ser implementado de modo efetivo com Bill Clinton e todo seu projeto neo-

.....  
53 Fraser, Honneth 2003. Honneth (2011) também renovou sua crítica imanente do capitalismo em seu diagnóstico e programa de pesquisa dos paradoxos do capitalismo no contexto da revolução neoliberal.

54 Fraser 2019.

liberal dos *New Democrats*. (Ou Tony Blair com o *Labour party* e todo o projeto de uma Terceira Via que chegou na França até no Brasil de FHC).

No diagnóstico de Fraser, o que é específico do “*neoliberalismo progressista*” é que ele combina políticas econômicas regressivas, liberalizantes, com políticas de reconhecimento aparentemente progressistas. Com isso, a dimensão da economia política baseia-se no “livre comércio” e desregulamentação das finanças, que de acordo com Fraser, empodera investidores, bancos centrais e instituições financeiras globais para ditar políticas de “austeridade” para o Estado por meio de decretos e da chantagem da dívida. Contudo, a dimensão das políticas de reconhecimento centra-se na compreensão liberal do multiculturalismo, do ambientalismo e dos direitos das mulheres e LGBTQ. Tais políticas demonstraram ser inteiramente compatíveis com o neoliberalismo financeiro, isto é, coniventes com certa compreensão meritocrática, oposta ao igualitarismo radical das políticas realmente socialistas. Focados na crítica da “discriminação”, contra o preconceito cotidiano, tal plataforma identitária busca assegurar-se de que uns poucos indivíduos “talentosos” de “grupos sub-representados” possam ascender ao topo da hierarquia corporativa e alcançar posições e remuneração paritárias com os homens heterossexuais brancos de sua própria classe.

Todavia, enquanto esses grupos estão conquistando ascensão social, o resto está fadado à precarização crescente das economias ocidentais. De fato, o neoliberalismo progressista articulou uma política econômica regressiva com uma aparente política progressista de reconhecimento. O lado progressista de reconhecimento serviu como um alibi ao lado econômico regressivo. De acordo com Fraser, isso possibilitou ao neoliberalismo apresentar-se como cosmopolita, emancipatório, inovador e moralmente avançado — em contraste com as classes trabalhadoras aparentemente paroquiais, atrasadas e incultas. Com isso, o neoliberalismo progressista foi hegemônico por umas duas décadas. Encabeçando vastos aumentos da desigualdade, foi uma grande bonança para o 1% global, mas também para o estrato gerencial profissional. Como consequência, Fraser mostra como foram atropeladas as classes trabalhadoras do Norte, que haviam se beneficiado da social democracia; os camponeses do sul, que sofreram desapropriação renovada por dívida, em escala maciça; e um vasto precariado urbano no mundo inteiro. Assim, segundo Fraser, o que se vem denominando populismo é uma revolta desses estratos contra o neoliberalismo progressista. Ao votar em Trump, no Brexit, em Bolsonaro e no Movimento Cinco Estrelas na Itália, as majorias declararam que se recusam a continuar desempenhando

o papel que lhes foi atribuído, que Fraser relega a ideia de cordeiros de sacrifício, num regime que não tem nada a lhes oferecer.

Para conquistar tal hegemonia, o neoliberalismo progressista teve que vencer um modelo regressivo no campo simbólico, o *neoliberalismo reacionário*, para com isso superar as correntes de extrema direita presentes no partido republicano de ordem xenófoba, hiper-religiosa, racista, patriarcal e homofóbica representadas em diversas camadas da população norte americana. Frente ao neoliberalismo progressista, os projetos de esquerda radical foram marginalizados da esfera pública, o feminismo que seria fonte central para políticas emancipatórias fora cooptado pelo neoliberalismo e se fundido a uma lógica empresarial, focado na disposição competitiva e meritocrática da liderança, do *leaning in*, e não em mudanças mais estruturais do patriarcado ou machismo. Contudo, para Fraser, a resistência na última década fora efêmera, tendo como ensaios políticos as comedidas e não muito prósperas tentativas de Barack Obama em 2007 e o movimento do *Occupy Wall Street*, em 2011.

No entanto, em ambos momentos, Fraser acusa que o potencial emancipatório fora apropriado eleitoralmente para manter o *status quo* do mesmo projeto neoliberal. Só em 2015 que a anunciada disputa entre Sanders e Trump ganhou contornos que a hegemonia até então mantida seria reconfigurada de modo irreversível. Dois blocos hegemônicos emergiram dessa transição e disputaram projetos políticos antagônicos: o *populismo reacionário* e o *populismo progressista*. O populismo reacionário de Trump, taxado por Fraser<sup>55</sup> como uma “*muralha mexicana com grandes investimentos de infraestrutura*” consistia em uma combinação de políticas simbólicas hiper-reacionárias com políticas populistas de redistribuição, enquanto o populismo progressista de Sanders combinou políticas de reconhecimento com uma forte política igualitária de redistribuição e ampliação de direitos sociais, sem o conluio dos setores financeiros. No entanto, como frisa Fraser, a escolha de Hillary Clinton para a disputa eleitoral, uma clara representante do neoliberalismo progressista iniciado por seu marido na década de 1990, minou as possibilidades que tal populismo progressista mobilizado na campanha de Sanders fosse desenvolvido próximo a um socialismo democrático.

Desses dois cenários concorrentes, o resultado positivo de Trump significou não uma vitória do populismo, mas uma derrota do modelo au-

.....  
55 Fraser 2017-a.

toritário e reacionário<sup>56</sup>, levado a cabo por uma transição efetuada pela tonalidade agressiva das medidas hiper reacionárias contra grupos sociais de minorias étnicas e de gênero. Justamente essa diferença entre o Trump candidato e presidente, o fez inaugurar uma nova etapa: o *neoliberalismo hiper-reacionário*. Ora, essa nova modalidade comprava que, se Polanyi falava em “A grande transformação” no século XX, neste início do século XXI estaríamos assim vivendo “a grande regressão”.

Esta variação política, diferente do populismo, por não possuir o vigor para ser um bloco hegemônico, pois trata-se de uma disfunção política ou uma patologia da democracia que o leva perseguir uma política econômica mais neoliberal e uma política de identidade criminosa com o aparato do estado, do mesmo modo que figuras da extrema-direita como Putin, Órban, Recep Erdógan, Narendra Modi, Andrei Duda, Rodrigo Dunderde o fazem ao redor do mundo. É certo que esse diagnóstico desolador nos leva a ter uma justa desconfiança com o fenômeno populista. Mas, contra uma interpretação corrente que consiste em associar o populismo a uma experiência negativa, antidemocrática, excludente e vazia<sup>57</sup>, Fraser se aproxima de Laclau ao ver o potencial disruptivo do populismo em uma diversidade de pretensões emancipatórias que variam de como sua manifestação é colocada a prova. Se é verdade, como aponta Fraser, que todo movimento emancipador hoje tem e deve ter uma dimensão populista,<sup>58</sup> esse projeto deveria ser levado numa direção socialista, com um programa que contasse reformas não-reformistas, para utilizar uma expressão de André Gorz, e se formasse na luta de 99% do povo precarizado contra o 1% da elite neoliberal.

Ainda que derrotado por Clinton, Fraser acredita que Bernie Sanders direcionou o caminho para a construção de um poder contra-hegemônico; no lugar de uma aliança dos progressistas com os neoliberais, Bernie Sanders abriu a perspectiva de um novo bloco “progressista-populista” que combine emancipação com a proteção social. De acordo com Fraser, a primeira estratégia sugere uma subordinação ao progressismo neoliberal com um “nós” (os progressistas) contra “eles” (os “deploráveis” partidários de Trump); o que proponho é redesenhar o mapa

.....  
56 Em intervenções recentes, Wendy Brown vem chamando essa variedade de populismo apocalíptico. (vale pensar em figuras como Cabo Daciolo como representante dessa vertente)

57 Como aquela feita por Jan-Werner Muller 2017 ou Ruy Fausto 2016.

58 Fraser 2017-b.



político — forjando uma causa comum entre todos aqueles que Trump indefectivelmente vai golpear e trair. Estes setores não são somente os imigrantes, as feministas e os negros (que votaram contra ele) também são os trabalhadores parados do “cinturão do óxido” e os estratos da classe operário do Sul que votaram nele. De modo mais enfático, Fraser<sup>59</sup> relega essa negligência a uma lacuna programática na esquerda:

Isso se deve em parte ao fim do comunismo soviético, que teve o infeliz efeito de deslegitimar não apenas aquele regime esclerosado, mas também ideias de socialismo e igualitarismo social em geral. A atmosfera resultante beneficiou grandemente os neoliberais, enquanto intimidava e desmoralizava a esquerda. Mas isso não é toda a história. Nesse clima, uma parte significativa do que poderia ter sido uma opinião à esquerda foi direcionada para o liberalismo. Pense por exemplo no feminismo liberal, no anti-racismo liberal, no multiculturalismo liberal, no “capitalismo verde” etc. Essas são as correntes dominantes, hoje, de parte dos novos movimentos sociais, cujas origens foram, se não diretamente à esquerda, ao menos esquerdizantes ou proto-esquerdistas. Hoje, porém, falta-lhes até mesmo a mais pálida ideia de uma transformação estrutural ou uma economia política alternativa. Longe de buscar a abolição da hierarquia social, sua mentalidade está voltada a atrair mais mulheres, gays e não-brancos para os altos escalões. Certamente, nos EUA mas também em outros países, a esquerda foi colonizada pelo liberalismo.

Para Fraser (2018b), o populismo está situado numa dinâmica histórica mundial, pois sinaliza uma crise hegemônica do capitalismo — ou melhor, “*uma crise hegemônica de uma forma específica de capitalismo que temos hoje: globalizado, neoliberal e financeirizado*”. Esse regime suplantou a variedade anterior, do capitalismo gerido pelo Estado, e dizimou todos os ganhos que as classes trabalhadoras haviam conquistado no período prévio. Com isso, o que se convencionou chamar de populismo na interpretação de Fraser é, em grande medida, uma revolta dessas classes contra o capitalismo financeiro e as forças políticas que o impõem. Todavia, a tradição do liberalismo tem uma longa história de tentar

.....  
59 Fraser 2018-a

deslegitimar qualquer movimento social ou posturas críticas que tendem a crítica o paradigma liberal, estigmatizando seus opositores como, por exemplo, “stalinistas”, “fascistas”, o que seja, como o fazem com o “populismo” em suas diferentes manifestações.

De modo a evitar esse reducionismo essencialista do populismo, em entrevista recente Fraser<sup>60</sup> afirma que o melhor caminho para reconstruir a esquerda é ressuscitar a velha ideia de um “programa socialista de transição” e dar a ele um novo conteúdo, apropriado ao século XXI. Segundo Fraser, hoje não podemos começar dizendo às pessoas que vamos socializar os meios de produção e em seguida elas terão empregos seguros e bem pagos. Para ela essa retórica está vencida. O que necessitamos, ao contrário, é o que André Gorz chamou de “reformas não-reformistas”. Elas melhoram a vida das pessoas aqui e agora, enquanto trabalham também numa direção contra-sistêmica, em parte por desestabilizar o equilíbrio do poder de classe em detrimento do capital. Além disso, essas reformas não podem estar focadas exclusivamente na produção e trabalho remunerado.

Pois para Fraser<sup>61</sup>, “*elas precisam, igualmente, tratar da organização social da reprodução – a oferta de educação, moradia, saúde, cuidado das crianças, cuidado dos idosos, meio ambiente saudável, água, serviços, transporte, emissões de carbono – e o trabalho não remunerado que sustenta as famílias e os laços sociais mais amplos.*” Embora longe do ideal revolucionário-socialista, Fraser aponta que a campanha de Bernie Sanders nos EUA teve algumas ideias que apontavam nessa direção. As exigências por aumento generalizado de salário, a defesa de um “Medicare para todos”, a reivindicação de um ensino universitário gratuito, a plataforma de uma reforma da justiça criminal, a defesa irrestrita da liberdade de gênero e a quebra do monopólio dos grandes bancos, realça o caráter distributivo, para não falar classista, da sua candidatura e seu programa político. Embora sejam possivelmente mais social democratas do que democráticas socialistas, representam a primeira inspiração de uma alternativa populista à esquerda nos EUA. Para Fraser, só pela união entre uma robusta política redistributiva igualitária e uma inclusão classista de políticas de reconhecimento, que um contra bloco hegemônico pode pensar uma forma que a esquerda lance um projeto de socialismo demo-

.....  
60 *Ibidem.*

61 *Ibidem.*

crático no século XXI. Como Fraser<sup>62</sup> pontua em sua recente intervenção acerca do #Elenão na Folha:

Nossa luta exige, portanto, uma coalizão ampla que seja incapaz de ignorar os entrelaçamentos de gênero, raça, sexualidade e classe na exploração e nas práticas de controle e opressão. Nós queremos transformar o mundo, destruindo as estruturas de poder que nos oprimem. E o enfrentamento ao autoritarismo simbolizado na candidatura de Jair Bolsonaro é uma dimensão fundamental da nossa luta.

Consequentemente, o manifesto pelo feminismo das 99% elaborado em 2018 por Fraser<sup>63</sup>, Tithi Bhattacharya e Cinzia Arruzza, encarna a necessidade de uma guinada socialista democrática no desafio populista do século XXI. É na direção de uma insurgência anticapitalista comum, que rompa com uma concepção liberal do feminismo, mas também que seja classista, internacionalista, ecossocialista, antirracista e anti-imperialista que tal socialismo poderá levar adiante reformas estruturais necessárias e uma política combativa contra os Bolsonaros e Trumps que compõe o “momento populista”.

#### **IV. Considerações finais: Por um populismo de esquerda... Ou contra a tentação populista<sup>0</sup>**

O populismo como vimos até então mescla elementos positivos e regressivos. Por um lado, como ressaltam Inglehart e Pippa, o populismo pode se mostrar um corretivo pragmático para a democracia liberal, na medida que ele encoraja forma inovativas de participação direta, resalta demandas públicas razoáveis que foram negligenciadas pelas elites liberais cosmopolitas. Nesse sentido, movimentos radicais de reformas como os populismos reivindicam podem reduzir a corrupção, consolidar participação política mobilizando segmentos marginalizados da sociedade. O populismo pode servir, como indica Azmanova, como um catalisador de lutas sociais que podem romper com a lógica do TINA, ressignificando e combatendo o que Honneth chama de “revolução neoliberal” ou o que Fraser compreende ser o paradigma do neoliberalismo

.....  
62 Cotta, Fraser, 2018.

63 Fraser 2019.

progressista. Contudo, na medida que esses movimentos populistas são acoplados a valores autoritários, os riscos ditatoriais entram em cena e o respeito pela liberdade de expressão, tolerância social e a confiança na política não personalista podem corroer as potencialidades radicais das democracias. É o risco que Azmanova tem em mente quando critica o entusiasmo das iniciativas populistas que não levam em consideração um fortalecimento das instituições para conduzir as emoções que potencializam as lutas, obscurecendo o ímpeto autoritário de líderes. Na mesma medida, Honneth aponta como tal dinâmica populista obstrui as condições intersubjetivas e sociais de formação identitária e da consolidação de instituições sociais que encarnem o princípio da liberdade social numa eticidade democrática de cooperação. E também Fraser, tendo em vista a dimensão ideológica desse fenômeno, aponta como a aliança que as recentes políticas populistas vêm firmando com líderes hiper-reacionários e conservadores impulsionadas por políticas neoliberais que se apresentam como progressistas mas que legitimam a dominação social e sabotam movimentos emancipatórios.

De modo similar, em seu livro de intervenção política, “Inimigos íntimos da democracia”, Todorov mostra que o modo de apresentação do populismo é a demagogia<sup>64</sup> e o flerte com a manipulação de massa. Esse elemento proto-fascista presente nos populismos é ressaltado recentemente por Slavoj Žižek<sup>65</sup>, na medida que o líder ou o partido mobiliza o intruso ou um inimigo externo como causa dos antagonismos da sociedade, mas nunca o sistema. Talvez seja esse o limite das políticas populistas, elas são sempre questionadoras das formas de dominação relacionais (vide as narrativas occupy e daqueles que estão na fila do sonho americano de Hochschild), mas nunca colocam em xeque as formas de dominação sistêmica, do modo que o sistema capitalista estruturalmente explora e reificam indivíduos e instituições.

Em suma, o grande paradoxo das lutas contemporâneas contra o *establishment* é que, como bem nota Honneth<sup>66</sup>, temos uma situação de revolta e insatisfação global que em muitos casos é explosiva em momentos de insurgência, e no entanto, a direita populista é aquela que acaba conseguindo articular esses eventos em um programa político efetivo,

.....  
64 Todorov 2012.

65 Žižek 2006. Para uma crítica recente de Žižek ao populismo da última década, Cf. Žižek 2018.

66 Honneth 2017.

algo que a esquerda ainda está por realizar, ou como afirma Fraser, todos ensaios desse programa socialista acabaram sendo cooptados e perdendo seu sentido emancipatório anticapitalista vital. Em decorrência desse sintoma, as tentativas de coalização de forças de esquerda, vide Syriza<sup>67</sup>, que conseguiram canalizar essa revolta para uma dimensão institucional, como a rejeição da medida de austeridades, a luta por direitos sociais, a constituição de uma frente de esquerda que absorva as demandas mais populares. Contudo, como vimos recentemente em experiências do sul ao norte global, é a própria esquerda que passa a aplicar as medidas neoliberais e restritivas a soberania e a vontade do povo. Enquanto a virada legalista da Teoria crítica acaba negligenciando em seus diagnósticos o fenômeno do populismo, como um evento reacionário que contraria uma esfera democrática transnacional, deveríamos nos aproximar dos projetos metapolíticos de um socialismo democrático formulado por Honneth, Azmanova e Fraser (e talvez Mouffe) e notar como tais projetos de soberania popular contém faíscas emancipatórias que podem superar tal interregno neoliberal e servir como catalisador para uma nova forma de vida democrática.

Se como já dizia Gramsci que o velho não morreu ainda, isto é, no nosso contexto o neoliberalismo ainda é um morto-vivo, o novo não pode nascer enquanto não notarmos que mesmo que o populismo progressista não seja a solução, ele tem o potencial de ruptura com a forma de vida neoliberal. Cabe a uma teoria crítica renovada, retomar aspectos de uma crítica não funcionalista da economia política e com isso, analisar como a mudança estrutural na esfera pública neoliberal minou todas conquistas sociais de um breve ciclo de bem-estar social no ocidente e instaurou a lógica do TINA, de modo a compreender como tais contradições políticas resultam no fenômeno populista. Todavia, sem perder o recurso das utopias realista contidas na esperança política, isto é, o otimismo da vontade fundamental para o teórico social, ressaltando a dimensão emancipatória contida nas experiências progressistas<sup>68</sup>, do comum<sup>69</sup>, do *cidadanismo*<sup>70</sup>, de cooperação social e das contra condutas

67 Mas não só Syriza, todos governos de esquerda que acabaram implementando as políticas neoliberais. Cf. Dardot e Laval 2016. Para ver no Brasil o ajuste fiscal de Dilma como prova disso: Cf. Carvalho, 2018 e Safatle, 2017.

68 Mouffe 2018; Srnicek, Williams 2015.

69 Dardot e Laval, 2017. Badiou 2012.

70 Ou anarco-populismo, como descrito por Gerbaudo 2017.

anti fascistas, anti-imperialistas, anti racistas e anti machistas que este fenômeno possa constituir para a constituição de uma base comum de justiça no horizonte realisticamente utópico de um futuro socialmente democrático<sup>71</sup>.

### **Que horas são? Do lulo-petismo ao bolso-lavajatismo**

Os diagnósticos expostos até aqui dizem respeito a fenômenos circunscritos a realidades muito específicas, isto é, a Europa oriental e ocidental (Azmanova), a Alemanha (Honneth) e os Estados Unidos (Fraser). Para evitar o risco de importar “ideias fora do lugar”, vale arriscar uma breve consideração do estado do populismo em nosso contexto social brasileiro numa perspectiva emancipatória. De modo similar à Honneth, em *Caminhos da esquerda* (2017), uma reconstrução da esquerda brasileira diante dos últimos acontecimentos, o filósofo Ruy Fausto considera que o populismo é uma das três patologias da esquerda desse século, ao lado do adesismo reformista e do neototalitarismo. Esse populismo específico de esquerda seria marcado por uma liderança carismática autoritária, uma política de classes antagônicas, e certo laxismo na administração da riqueza pública.

De acordo com Fausto, o populismo no Brasil<sup>72</sup> teve dois ciclos: o getulismo e o petismo. No caso de Getúlio Vargas não houve vestígio gritante de um enriquecimento pessoal, embora tenha ocorrido corrupção em seu governo. Já no caso do PT, faltaria um elemento autoritário (embora diversas posturas de Dilma Rousseff com relação às pautas ecológicas sejam claramente atitudes expressamente autoritárias<sup>73</sup>). O populismo varguista chega ao seu limite em 1954, com o suicídio de Getúlio, mas se prolonga em outros termos no trabalhismo do governo de Jango com sua política de reformas. Com o golpe e a instauração do regime militar, a esquerda exilada e perseguida não tem a chance de esboçar nenhum projeto de governo ou de poder senão a resistência contra o estado de exceção. Entretanto, a fundação do PT em 1980 marcava

71 Fraser 2017-b: “*To be able to act against a populist government partly stemming from civil Society relying on democratic elections, and even democratic slogans like majority rule is difficult. A different theory of democracy is thus needed, as an alternative to monolithic, majoritarian doctrines of popular sovereignty. A stress on civil society helps, by indicating that voice and participation from below, inevitably plural, cannot be monopolized from above, especially by a leader or leadership.*”

72 Weffort 1984

73 Ab'Saber 2015.



uma alternativa no cenário ditatorial civil-militar, mas também um caminho contrário ao populismo varguista e de Jango. O programa político de um *Socialismo petista*, fruto de uma resolução aprovada no ano 1990, nunca pareceu tão atual e pertinente em nossos horizontes. De acordo com esse documento, a ideia de socialismo democrático seria conduzida por valores de um pluralismo ideológico-cultural, nesse aspecto antipopulista, e de cunho anticapitalista, contrários às propostas de um reformismo social democrata. No entanto, com a eleição de Lula em 2002, vimos uma retomada do projeto político varguista. O próprio Lula em passagens fazia referência a Vargas como referência de uma experiência populista de nacional-desenvolvimentismo. Essa materialização está na “carta ao povo brasileiro” oferecia uma tentativa de conciliação de classes, programas de crédito popular e valorização do salário mínimo para as camadas mais pobres e isenção fiscal e benefícios de crescimento econômico para as classes dominantes, sem esboçar, no entanto, qualquer reforma estrutural que brecasse os avanços neoliberais do mundo ocidental. Nesses anos, tivemos a emergência do programa político de um nacional-desenvolvimento progressista com acentos neoliberais<sup>74</sup> que chegou a um limite com a crise econômica de 2008 (que no Brasil afeta a exportação do boom dos *commodities*) e nas reverberações do ciclo de protestos globais. Essa crise brasileira que se inicia em 2013 e tem como ápice o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff em 2016 marca justamente a falência do modelo populista petista e do esgotamento da experiência do lulismo, como Safatle aponta. Com a aliança das direitas, uma composição que vai de cardosistas de centro-direita Tucana e da FIESP até facínoras com Jair Bolsonaro e Eduardo Cunha derrota esse projeto nacional-desenvolvimentos do lulo-petismo.

Desse momento em diante uma nova configuração social se delineia em torno da polarização social entre “coxinhas” e “petralhas”. O golpe coloca como protagonista o judiciário e a operação Lava Jato, tendo como figura central o juiz Sérgio Moro, inaugurando uma nova fase nas lutas populares brasileira e um guinada à direita do espectro político com a ascensão de discursos justificatórios neoliberais e conservadores levado adiante pelas igrejas neopentecostais, gurus de seitas astro-filosóficas como Olavo de Carvalho e partidos e agremiações como o MBL servindo como força legitimadora de um renovado consenso do TINA e de um backlash cultural. Como ressalta a pesquisadora do populismo

.....  
74 Nobre 2013; Carvalho 2018.

à brasileira, Esther Solano, o “populismo lavajatista” é peculiar, pois alia elementos de um conservadorismo neopentecostal de figuras como Deltan Dallagnol, que bem, ele apresenta sintomas neoliberais do que Christian Dunker<sup>75</sup> chamou da “forma de vida do condomínio”, uma forma atomizada de gerir não só a vida social e os afetos, mas também a política de modo imbecilizado, intolerante e excludente, dando ensejo ao crescimento de uma rejeição paulatina ao neoliberalismo progressista ensaiado nos governos lulopetistas em direção à adesão da forma de vida fascista representado pela candidatura de Jair Bolsonaro. Para Solano<sup>76</sup>, os elementos constituintes do “populismo bolsonarista” (representado por Paulo Guedes e seu neoliberalismo hiper-reacionário) são *a retórica antissistema e a instrumentalização dos anseios de renovação política, o louvor a uma justiça messiânica, o antipartidarismo, a visão do adversário político como inimigo a ser aniquilado, o antiintelectualismo*. Em uma perspectiva complementar, Safatle<sup>77</sup> entende que populismo lavajatista e bolsonarista se revela sintoma das patologias políticas de um novo estágio social de nossa noção, na medida que o Brasil se torna o “*laboratório mundial de formas novas de junção entre fascismo e neoliberalismo radical impulsionadas não apenas pela violência do Estado, mas também pela violência de grupos e indivíduos movidos por toda forma de ressentimento*”.

Em última instância, o grande desafio para a realidade brasileira em tempos de recessão democrática, crise neoliberal, forte polarização e ódio na política é formulado na apresentação de uma alternativa, como esboçaram os três teóricos apresentados nesse artigo, nos termos de um projeto radical, socialista-democrático que tenha lastro institucional e uma base social, inspirado, mas não importando anacronicamente, a experiência recente de Corbyn com o partido trabalhista no Reino Unido ou mesmo Sanders com o DSA nos Estados Unidos, de modo a disputar a contrapelo da hegemonia bolso-lavajatista nas praças, ruas e urnas uma visão de sociedade mais solidária e emancipada, enfim, democraticamente socialista.

## BIBLIOGRAFIA

Ab'Saber, Tales 2015. *Dilma Rousseff e o Ódio Político*. São Paulo: He-

.....  
75 Dunker 2015.

76 Solano 2018.

77 Safatle 2018.

dra.

- Abromeit, John 2018. *Critical Theory and the Persistence of Right-Wing Populism* In: Morelock, Jeremiah. (org). *Critical theory and Authoritarian populism*. University of Westminster Press.
- Adorno, Theodor W., et al 1950. *The Authoritarian Personality*. New York: Harper & Brothers.
- Arato, Andrew 2017. *Populism, the Courts and Civil Society*. December 4, 2017.
- Azmanova, Albena 2004. *The Mobilisation of the European Left in the Early 21st Century*. *European Journal of Sociology* 45/2: 273–306.
- \_\_\_\_\_. 2010. *Capitalism Reorganized: Social Justice after Neo-liberalism*. *Constellations: An International Journal of Critical and Democratic Theory* 17/3 (Sept. 2010), pp. 390–406.
- \_\_\_\_\_. 2011. *After the Left-Right (Dis)continuum: Globalization and the Remaking of Europe's Ideological Geography*. *International Political Sociology* 5/4: 384–407.
- \_\_\_\_\_. 2013. *The Crisis of Europe: Democratic Deficit and Eroding Sovereignty – Not Guilty*. *Law and Critique* 24, no.1 (January 2013): 23–38.
- \_\_\_\_\_. 2014. *Crisis? Capitalism is Doing Very Well. How is Critical Theory?*. *Constellations: An International Journal of Critical and Democratic Theory* 21/3: 351–365.
- \_\_\_\_\_. 2016. *Empowerment as Surrender: how women lost the battle for emancipation as they won equality and inclusion*. *Social Research* 83/3: 749–776.
- \_\_\_\_\_. 2017. *Crise? O capitalismo está muito bem. Mas a Teoria Crítica?*. Em: Pinzani, Alessandro (org.). *Teoria Crítica hoje (em preparação)*.
- \_\_\_\_\_. 2018. *The populist catharsis: On the revival of the political*. *Philosophy and social criticism*. XX. P 1-13.
- Badiou, Alain 2012. *A hipótese comunista*. São Paulo: Boitempo.
- Bellofiore, Riccardo 2015. *The Neue Marx-Lektüre: Putting the Critique of Political Economy back into the Critique of Society*. *Radical Philosophy*, n. 189.
- Bulla, Beatriz. *O populismo é o futuro da politiza, diz Bannon*. Acesso em: <https://exame.abril.com.br/mundo/o-populismo-e-o-futuro-da-politica-diz-ex-estrategista-de-trump/>.
- Bonefeld, Werner 2014. *Critical Theory and the Critique of Political Economy: On Subversion and Negative Reason*. London: Bloomsbury.
- Campos, Antonia 2017 (org.) *Escolas de Luta*. Coleção Baderna, Veneta.
- Carvalho, Laura 2018. *A valsa brasileira*. São Paulo: Todavia.
- Cotta, Fraser, 2018 *#EleNão é parte do feminismo que vencerá crise mun-*

- dial, diz autora americana. Acesso em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/10/elenao-e-parte-do-feminismo-que-vencera-crise-mundial-diz-autora-americana.shtml>
- Dardot, Pierre. Laval, Christian 2016. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo.
- \_\_\_\_\_. 2017. *Comum*. São Paulo: Boitempo.
- Dean, Jodi 2016. *Crowds and Party*, London/New York: Verso.
- Dunker, Christian 2015. *Mal-Estar, Sofrimento e Sintoma*. São Paulo: Boitempo.
- Fausto, Ruy 2017. *Caminhos da esquerda. Elementos para uma reconstrução*. Companhia das letras.
- Ferrara, Alessandro 2018. Can political liberalism help us rescue “the people” from populism? *Philosophy & Social Criticism*, 44(4), 463–477.
- \_\_\_\_\_. 2018-a. Liberalismo político, não-razoabilidade nativa e democracia pós-liberal. *Cadernos de Filosofia Alemã*. v. 22; n. 1. pp.39-49.
- Fraser, Nancy 2017-a. The End of Progressive Neoliberalism. *Dissent Magazine*, January 2.
- \_\_\_\_\_. 2017-b. Against Progressive Neoliberalism, A New Progressive Populism. *Dissent Magazine*, January 28.
- \_\_\_\_\_. 2017-c. Why two Karls are better than one: integrating Polanyi and Marx in a Critical Theory of the current crisis. Working Paper der DFG-Kollegforscher-innengruppe Postwachstumsgesellschaften, Universität Jena.
- \_\_\_\_\_. 2018. “Do neoliberalismo progressista a Trump, e além”. *Revista Movimento*. Disponível em <https://movimentorevista.com.br/2018/02/do-neoliberalismo-progressista-a-trump-e-alem-nancy-fraser/>
- \_\_\_\_\_. 2019. (org.) *Feminismo para 99%*, São Paulo: Boitempo, 2019.
- Fraser, Nancy; Jaeggi, Rahel 2018. *Capitalism, a conversation in critical theory*.
- Fraser, Nancy. Honneth, Axel 2003. *Redistribution and recognition*. Verso.
- Gandeha, Samir 2018. The neoliberal personality. in: Morelock, Jeremiah. (org). *Critical theory and Authoritarian populism*. University of Westminster Press.
- Gerbaudo, Paolo 2017. *The Mask and the Flag: Populism, Citizenism, and Global Protest*. Oxford:Oxford University Press.
- Graeber, David 2018. *Bullshit Jobs: a theory*. London: Simon and Schuster.
- Hahnel, Robin. Olin Wright, Erik 2016. *Alternatives to capitalism*. Verso.
- Hirvonen, O., Pennanen 2018, J. *Populism as a pathological form of politi-*

- cs of recognition. *European Journal of Social Theory*.
- Hoffman, Christian. Birman, Joel. (org.) 2018. *Psicanálise e Política: uma nova leitura do populismo*. São Paulo: Instituto Langade.
- Honneth, Axel 2001. *Democracia como Cooperação Reflexiva*. John Dewey e a Teoria democrática hoje. In: *Democracia hoje. Novos desafios para a teoria democrática contemporânea*. p. 63-91.
- \_\_\_\_\_. 2008. "Uma patologia social da razão: Sobre o legado intelectual da Teoria Crítica". In: RUSH, Fred (org.). *Teoria Crítica*. Aparecida SP: Ideias e Letras, p. 389-415.
- \_\_\_\_\_. 2010. *Das Ich im Wir: Studien zur Anerkennungstheorie*. Berlin: Suhrkamp.
- \_\_\_\_\_. 2011. *Das Recht der Freiheit: Grundriß einer demokratischen Sittlichkeit*. Berlin: Suhrkamp.
- \_\_\_\_\_. 2014. *Reconhecimento como ideologia: a correlação entre poder e moral*. São Paulo: Revista fevereiro.
- \_\_\_\_\_. 2015. *Die Idee des Sozialismus: Versuch einer Aktualisierung*. Frankfurt: Suhrkamp.
- \_\_\_\_\_. 2017. *Ideia de socialismo: tentativa de atualização*. Ed. 70.
- \_\_\_\_\_. 2018. *¿Economía o sociedad? Grandeza y límites de la teoría de marx sobre el capitalismo*. *Argumenta philosophica* - vol. 2.
- \_\_\_\_\_. 2019. *Reificação: Um estudo de teoria do reconhecimento*. Trad. Rúrion Melo. São Paulo: UNESP.
- Hochschild, Arlie 2016. *Strangers in their Own Land: Anger and Mourning on the American Right*. New York: The New Press.
- Judis, John B 2016. *The Populist Explosion: How the Great Recession Transformed American and European Politics*. New York: Columbia Global Reports.
- Kellner, Douglas 2018. *Donald Trump as Authoritarian populism: Frommian analysis*. in: Morelock, Jeremiah. (org). *Critical theory and Authoritarian populism*. University of Westminster Press.
- Laclau, Ernesto 2007. *La razón populista*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- Levitsky, Steven; Ziblatt, Daniel. 2018. *Como as democracias morrem*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Mudde, Cas and Kaltwasser 2017. *Populism: A Very Short Introduction*. New York: Oxford University Press.
- Müller, Jan-Werner 2016. *What Is Populism?*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press.

- Mendonça, Daniel de 2017. Por que não seria o “lulismo” populista? In: Mendonça, Daniel; Rodrigues, Léo; Linhares, Bianca (org.). Ernesto Laclau e seu legado interdisciplinar. São Paulo, Intermeios, pp. 39-62.
- Mouffe, Chantal 2018. Left populism. New York: Verso books.
- Mudde Cas; Kaltwasser Cristóbal Rovira 2013, ‘Populism’, pp. 493-512. in: Michael Freeden (ed.), The Oxford Handbook of Political Ideologies. New York: Oxford UP.
- Medeiros; Melo; Januário 2018. As ocupações de escolas públicas em São Paulo (2015–2016). Novos estud. CEBRAP-SP, v. 37 n 02, pp. 291-310 mai.–ago.
- Melo, Rúrion 2018. Dimensões políticas do reconhecimento e seus limites. *Dissonância*, v. 2, p. 112-148.
- Mason, Lilliana 2018. *Uncivil Agreement: How Politics Became Our Identity*. Chicago: University of Chicago Press.
- Neves, Raphael 2018 “Joga pedra na Judith”: discursos de ódio e populismo cadernos pagu (53).
- Norris, Pippa; Inglehart, Ronald 2019. *Cultural Backlash: Trump, Brexit and the Rise of Authoritarian Populism*. New York: Cambridge University Press.
- Petry, Franciele 2001. Socialismo, liberalismo e educação para a democracia. *Honneth e Dewey em discussão*. *Civitas*, v. 18, n. 3. Lefort, Claude.
- \_\_\_\_\_. 1991 *Democracy and Political Theory*, trad. David Macey. New York: Polity.
- Rosanvallon, Pierre 2017. *Counterdemocracy: Politics in the Age of Distrust*. Cambridge.
- Rogers, Chris 2014. *Capitalism and its alternatives*. Londres: Zed Books.
- Reis Filho, Daniel Aarão 2001. O colapso do colapso do populismo ou a propósito de uma herança maldita. In: Ferreira, Jorge (Org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 319-377.
- Safatle, Vladimir 2017. *Só mais um esforço*. São Paulo: Três estrelas.
- \_\_\_\_\_. 2018. *Um dia essa luta iria ocorrer*. São Paulo: N-1 Edições.
- Solano, Esther 2018. Lavajatismo: a in-justiça populismo do inimigo e do espetáculo. In: *Vontade popular e democracia: Candidatura Lula?* Canal 6 Editora.
- \_\_\_\_\_. 2019. *A bolsonarização do Brasil*. In: *Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil Hoje*. São Paulo: Companhia das letras.
- Srnicek, Nick e Williams, Alex 2015. *Inventing the future*. London/NY: Ver-